

quase obrigatória de alguma referência ao presente. Em toda a extensão dos 20 000 metros quadrados do pavilhão que abriga a Bienal — La Grande Halle du Parc de la Villette, que nunca havia sido usada para exposições de arte —, o público também pode constatar que não é tão difícil assim entender a obra de um artista moderno. "O importante, na pintura atual, é recuperar o prazer", afirma o crítico italiano Achille Bonito Oliva, um dos cinco membros da comissão de seleção da Bienal.

ESTRELA ITALIANA — É o que faz o florentino Sandro Chia, 39 anos, que chegou a Paris com honras de grande estrela — suas obras se vendem a um preço médio de 100 000 dólares, no mercado internacional. É de Chia uma das esculturas de impacto da exposição: *O Menino e o Cordeiro*. A começar pelo tema, a inspiração clássica é evidente. O rosto do menino é esculpido como antigas figuras gregas ou romanas e o tema do cordeiro também lembra estátuas de outras épocas. Mas Chia só retorna ao passado para reinterpretá-lo. A antiga harmonia clássica é rompida com uma solução inesperada — parte do tronco e as patas dianteiras do animal foram substituídas por pilhas de tijolos. Além disso, Chia usa o bronze apenas para revestirlo de



Bunk: telas em que fundo e figurantes são brincadeiras com imagens de antigos mestres.

rias camadas de tinta a óleo, em diversas cores. Essa audácia, somada à inovação plástica de *O Menino e o Cordeiro*, sintetiza boa parte de toda a Bienal.

A mostra, contudo, não investe em uma única receita. A Bienal de Paris também abre espaço para a brutalidade dramática de veteranos da Alemanha, como Georg Baselitz, ou para a sutileza das esculturas inglesas do meio indiano Anish Kapoor. Apesar disso, como não podia faltar uma polêmica, retirou uma tela do islandês Erró, a pedido da Embaixada de Israel, na qual o ex-primeiro-ministro israelense Me-

nahem Begin é retratado como bebê no colo de Hitler. Mesmo com tais incidentes, a Nova Bienal de Paris conseguiu uma bela vitória. Ainda não devolve a Paris a força do que seria um centro de irradiação de novas influências, como aconteceu por exemplo com a última Documenta, em Kassel, em 1982, que deu as coordenadas que seriam as tendências dominantes da década. Mas conseguiu fazer novamente de Paris uma cidade que vale não só pelos mestres arquivados nos museus, mas pela arte viva que é capaz de apresentar.

PAULO MOREIRA LEITE

As armas do Brasil na grande feira da Bienal

Na qualidade de "comissário especial", coube ao crítico Pierre Courcelles decidir os nomes que iriam representar a arte latino-americana na Bienal de Paris. Da seleção sobrou um minguado time de nove artistas de apenas três países, no qual o Brasil, ao lado da Argentina e da Colômbia, fica com a melhor colocação: quatro representantes. A escolha premiou três pintores — o cearense Leonilson, 27 anos, o carioca Cláudio Fonseca, 35, o mineiro Jorge Duarte, 27 anos — e um escultor, o catarinense Ivens Machado, 42 anos. Dos quatro, nenhum carrega na obra qualquer sotaque regional. Ao contrário, usam as mesmas armas que a grande maioria de seus com-

panheiros internacionais. No conjunto geral, as silhuetas recortadas de Jorge Duarte chamam pouca atenção pois quase não se diferenciam dos trabalhos de vários outros artistas presentes na mostra. Mesmo assim, a Bienal de Paris lhe serviu de trampolim para fazer uma exposição em Munique na galeria Irene Maeder. O cearense Leonilson, por sua vez, que antes da explosão da atual pintura jovem no Brasil já criava figuras de brinquedo, decidiu mostrar grandes painéis com formas soltas que lem-

bram recortes de Matisse. Mas a pintura mais interessante é a de Cláudio Fonseca. Suas paisagens de uma única cor dominante que parecem picos nevados ou rochedos saindo do mar atraem os visitantes. Para a crítica francesa, é no mínimo insólito que um pintor tropical pinte temas do gênero. O quarto brasileiro, Ivens Machado, há muito tempo trabalha formas originais, moldadas em concreto armado e pintadas em cores vivas.

Embora elas continuem pouco conhecidas no Brasil, num cenário internacional suas peças mostram afinidade com o melhor da vanguarda da escultura. Para Ivens Machado, os benefícios de ter suas obras expostas na Bienal de Paris devem ser coletados no Brasil. "É certo que agora seremos mais valorizados em casa", diz o escultor.

"O nosso país é assim."



Fonseca: as estranhas paisagens de um artista tropical